

PAULO B

Um perfil em mosaico,
um glossário em aberto

ÂNGELA MARQUES
BRUNO SOUZA LEAL
ELTON ANTUNES
(ORGANIZADORES)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P331

Paulo B [recurso eletrônico] : um perfil em mosaico, um glossário em aberto / Organizadores Ângela Marques, Bruno Souza Leal, Elton Antunes. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. 235 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86963-08-3

1. Vaz, Paulo Bernardo Ferreira — Biografia. 2. Comunicação — Pesquisadores — Biografia. I. Marques, Ângela. II. Leal, Bruno Souza. III. Antunes, Elton.

CDD 920

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2020.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Atelier de Publicidade UFMG
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO
Gracila Vilaça

IMAGEM CAPA
Artista: Daisy Turrer
Fotógrafo: Icaro Moreno

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>

PASSAGENS

“Não arrefecer!”

BRUNO GUIMARÃES MARTINS

Professor e pesquisador em Comunicação

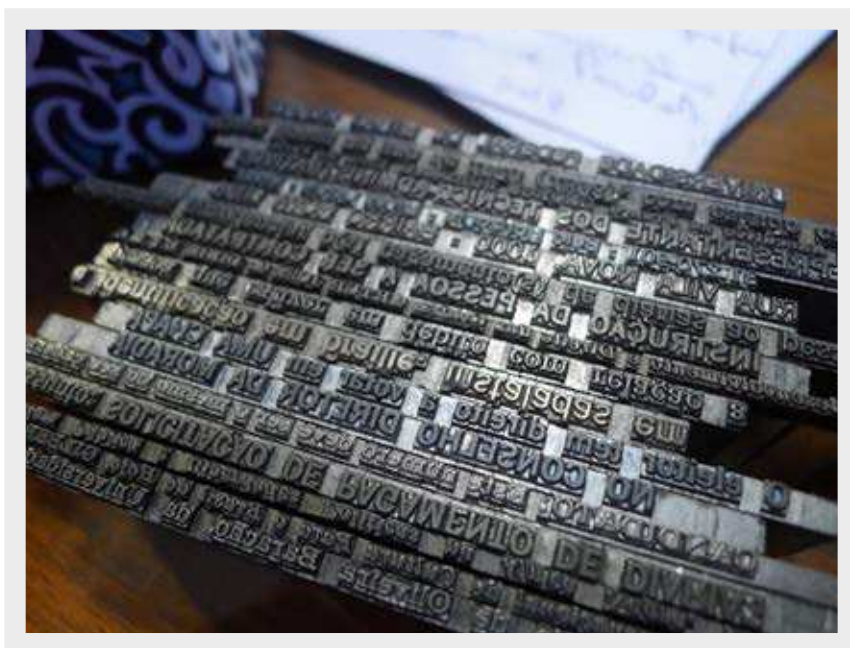


FIGURA 1. Linhas de linotipo presenteadas por Elton Antunes e Paulo B, acompanhada de cartão com os dizeres: “O peso da história, para fazer a aula de tipografia mais doce”.

FONTE: arquivo pessoal de Bruno Martins, 2018.

Conheci Paulo B como meu professor na graduação em Comunicação Social na UFMG de 1992 a 1995. Àquele momento era possível optar entre quatro habilitações: Jornalismo, Radialismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda. Ao escolher a última, minha sorte – ou destino – se cruzou com a dele, pois era o responsável, juntamente com a professora Rúbia, pelas disciplinas relacionadas à criação, como “Comunicação Visual”, “Produção Gráfica” e “Diagramação Jornalística”. Foi assistindo a suas aulas quando muito aprendi sobre um pensar-fazer que me orientou a navegar entre cipoal de desafios que a universidade apresentava para aqueles que como eu, mal completados 18 anos, éramos introduzidos às ciências humanas através de um “ciclo básico” em filosofia, sociologia, economia, ciência política.

Contemos com a imagem de uma breve anedota para que o leitor compreenda melhor o que significava aquele “ciclo básico”. Assisti a uma aula inaugural preparada para os calouros que, como eu, ingressaram em 1992 na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, cujo prédio havia sido inaugurado no Campus Pampulha dois anos antes. O conferencista foi o então diretor da Fafich e professor de filosofia Hugo Amaral. Se não me falha a memória, em sua conferência apresentou a capacidade do ser humano em desenvolver diferentes *cosmogonias*, termo que eu desconhecia e que mesmo após a consulta ao dicionário continuou algo obscura. Tal dificuldade, vamos dizer, “semântica”, replicava-se por todas as disciplinas, tornando árduo os primeiros contatos com a universidade.

Por sua vez, nas disciplinas específicas da comunicação, fosse pelas diversas origens dos docentes, fosse pelos esforços para diferenciar a comunicação como campo disciplinar, fosse a falsa querela entre “teoria” e “prática”, fosse pela complexidade sóciotécnica dos processos comunicacionais, ou simplesmente pelas limitações de um iniciante, a experiência na sala de aula também funcionava como multiplicadora de dúvidas. Se hoje parece fácil atribuir uma positividade charmosa à dúvida, uma vez que duvidar criticamente é uma das verdadeiras vocações das ciências humanas, àquele momento tudo se revestia de uma opacidade quase insuportável. Infelizmente, as visitas à biblioteca não eram esclarecedoras, algumas vezes, muito pelo contrário. É justamente em meio a este cerrado labirinto acadêmico onde surge nosso herói.

Algo esguio, franzino, sempre elegante e, tal como o célebre companheiro de Sancho Pança, um apaixonado pela literatura. Não eram poucas as vezes que fazia a turma embarcar em verdadeiras alucinações coletivas ao “ler” uma capa, um desenho, um logotipo, um cartaz, um anúncio publicitário, uma fotografia, um filme, uma pintura. Enquanto alguns parecem carregar o conhecimento como um peso, ali, reluzia leveza. Ao timbre de voz simpático somava-se aquele sotaque mineiro que conhecemos tão bem. Seu humor refinado sempre contava com a derrisão auto irônica e podia se traduzir em saborosas gargalhadas que preenchiam as aulas, juntamente com causos e exemplos diversos que serviam como demonstração para as temáticas da disciplina: composição, tipografia, cor, técnica, estilo, história, criação.

Na primeira aula, direcionava aos alunos algumas perguntas genéricas: Como se informam? Qual cinema assistem? Que literatura leem? Que exposições frequentam? As questões aparentemente despertavam para a necessária expansão de repertórios. Todavia, buscavam algo mais. De fato tratava-se de iniciar uma conversa visando incorporar e remodelar as experiências prévias dos alunos com os conteúdos da disciplina, sendo estabelecidas ligações e pontos de partidas singulares. Dessa forma tornava-se possível, ao longo das aulas, deslizar do álbum de família à história da arte, do cinema de domingo à filosofia da imagem, da telenovela ao debate político, da capa da revista semanal aos princípios da *gestalt*. Com um olhar generoso e voraz, aos poucos se estabelecia um método analítico estroboscópico iluminado pelos exemplos dos alunos, estimulados a reenquadrar suas experiências em proveito da disciplina. Viagens sem fim que contavam com a força de muitas imaginações. Me lembro com carinho da energia positiva destas longas conversas que transfiguravam lembranças individuais em caminho fértil e saboroso para o aprendizado. Com sua graciosidade particular, Paulo B filosofava e ensinava a arte de enxergar múltiplos “universais” no exemplar, tudo isso sem desconsiderar as singularidades no olhar de cada um.

Me recordo de uma série de exercícios especialmente interessante. Éramos orientados a realizar pequenas colagens a partir de recortes de revistas e jornais em cartões de papel rígido de 15 X 10 centímetros. A cada composição ambicionava-se comunicar mensagens ou representar conceitos mais ou menos complexos. Fosse um autorretrato, uma

emoção ou uma mensagem; a eficácia da composição era testada ao ser exposta diante da classe. Ao longo das interpretações coletivas que se seguiam, além de serem identificadas com precisão mensagens e sensações, surgiam as mais diversas variações de leitura. Estes sentidos secundários demonstravam as dificuldades em direcionar e limitar os efeitos de uma determinada mensagem, problema sobre o qual já correu e ainda corre muita tinta. A aparente simplicidade do exercício implicava uma solução para as limitações de recursos enfrentadas historicamente pela universidade, além de ensinar um procedimento amplamente adotado por sofisticadas vanguardas modernistas, a colagem. Em outras palavras da restrição e da simplicidade nosso professor realizava saltos para a criação e para a complexidade reflexiva.

Perscrutando minha memória me lembrei de um outro exemplo extremamente banal, mas que decidi mencionar por que, de alguma maneira, foi determinante para minha trajetória. Em 1994, Hollywood havia uma vez mais reencenado a história do lobisomem. A análise da identidade visual do filme foi exemplo em uma das aulas. Ao apresentar o cartaz do filme com vivacidade convincente, não foram os rostos de Jack Nicholson e Michelle Pfeiffer fundindo-se à escuridão que me atraíram, mas a solução tipográfica destacada pelo professor. Ao descrever como as serifas – pequenos detalhes pontiagudos no desenho das letras – ganhavam uma qualidade icônica ao se associarem às garras do monstro representado, sendo tal operação reiterada pelo som da palavra, “WOLF”. Com a tradução em português – “LOBO” – matizes de sentido ligeiramente diferentes se acrescentavam (a encenação dos sons foi um espetáculo à parte). A substituição do primeiro “O” pela fotografia de uma lua cheia complementava a imagem emblemática articulando tipografia, composição, cor, fotografia, som e sentido. Para mim aquele exemplo funcionou como uma revelação. De fato, tratava-se apenas de um logotipo bem feito, como tantos outros, mas foi quando algumas das muitas peças do quebra-cabeças da comunicação se encaixaram para mim, sendo suficiente para orientar nos anos seguintes da minha trajetória meu interesse pela direção de arte e pela tipografia. Só me dei conta disso ao escrever este texto, o que demonstra o talento do professor em transformar o ordinário em extraordinário.

Hoje, suas aulas e exercícios me lembram “passagens”, como o livro de Walter Benjamin que Paulo B gosta tanto de ler, reler e tresler. Verdadeiros fragmentos de micropoética que permitiam ensaios estilísticos transitando do conceito à imagem, da imagem ao discurso, do fragmento à unidade, do simples ao complexo, do individual ao coletivo, da informação à sensação, do precário ao sofisticado, do imaginável ao perceptível. Tudo isso e muito mais em ziguezague e vice-versa. Simultaneamente, olhar para cada um e para todos, mais ainda, dizer para cada um e para todos. O que mais se poderia exigir da comunicação? Destes movimentos não resultavam combinações estáveis, abriam-se verdadeiras constelações que impunham a renovação do olhar, infinitas recomposições a serem observadas e inventadas. Além de potencialmente aumentar a possibilidade de epifanias, nos convencíamos que a criação ainda era possível e, mais ainda, necessária.

Antes de o computador praticamente eliminar a presença de uma série de técnicas e ferramentas com sua capacidade de simulação, naquele início dos anos 1990, sentávamos em banquetas em frente a pranchetas de desenho com régua paralelas, como ainda o fazem alguns desenhistas e arquitetos. Técnicas de reprodução e impressão que hoje são retomadas em uma chave nostálgica como a fotoletra, a linotipia ou a tipografia em metal estavam presentes nas aulas. A interface gráfica computacional já era utilizada, especialmente para a composição de títulos e textos. Entretanto, após a impressão, os fragmentos produzidos em uma impressora laser deveriam ser montados em uma “arte final”, ou seja, uma matriz a partir da qual finalmente se poderia realizar a “reproduzibilidade técnica” do impresso. Para tanto era necessário lançar mão de uma série de habilidades manuais ao lado de uma verdadeira parafernália de técnicas e objetos: indicar ampliação de imagens em negativos fotográficos; transferir letras utilizando os modelos de *Letraset*; aventurar-se com os efeitos matizados do aerógrafo; desenhar e anotar sobre o *over-lay*; diagramar em grades pré-existentes; alinhar os fragmentos com régua, esquadros, transferidores e compassos; cortar e colar com tesouras e estiletes etc. Alguns anos depois todos estes processos seriam substituídos pela manipulação de *softwares* gráficos.

Os primeiros computadores dedicados ao processamento e à criação de imagens digitais apareceram no Departamento de Comunicação no

Sislab, sistema laboratorial inicialmente montado pelo professor Juan Aramayo. Todavia, diferentemente do que aprendemos em manuais de *software*, nada havia de obsoleto em ensinar práticas e realizar exercícios manuais. Certa vez convidei minha colega de graduação Andrea Gomes, também aluna de Paulo B e das melhores profissionais de criação que conheço, para participar de uma de minhas aulas e ela disse com uma simplicidade certa aos meus alunos: “Meu trabalho é buscar as linhas, é alinhar”. O alinhar nunca se repetirá de forma automatizada, para cada nova linha traçada, um novo alinhamento. Naquele momento de transição ao digital, o alinhar manualmente permitiu estabelecer um contraponto para toda uma geração. Mais uma vez foi Paulo B quem nos ofereceu recursos para que nos guiássemos por esta passagem.

Já no final do curso, ainda houve algum tempo para que eu me aproximasse do Atelier de Publicidade, onde nosso incansável herói passava muitas de suas tardes orientando estagiários e voluntários para solucionar problemas diversos de comunicação para a universidade. Dali me lembro especialmente da capacidade e carisma de Paulo B para transformar pequenas demandas em grandes desafios para a criação e a experimentação. Depois de me formar, ao longo dos próximos anos eu trabalharia com criação, direção de arte e design gráfico em agências de publicidade e em projetos diversos.

Uma breve digressão biográfica que me parece necessária para continuar esta narrativa onde estou buscando pontuar alguns momentos em que um professor interfere de forma positiva na minha própria trajetória. Mesmo longe da universidade, sempre me senti mais confortável em espaços e projetos onde eu encontrava traços daquela liberdade estimulante das aulas de Paulo B. Neste sentido, me lembro que uma sorte de iniciante que me permitiu trabalhar ao lado de meu hoje colega Eduardo de Jesus, na Coral Design, pequenina empresa familiar onde muito aprendi e me diverti. Boas lembranças do escritório caseiro em Santa Teresa, bairro onde alguns anos mais tarde, antes de retornar à universidade, eu desenvolveria um longo projeto gráfico no atelier do ceramista Máximo Soalheiro. Assim como nestes dois espaços, era a liberdade de criação que busquei ao ensaiar minha própria “empresa”, Ímã Design, onde ao longo dos anos desenvolvi projetos para amigos e

clientes, muitos deles em parceria com meu colega de graduação Danilo Queiroz.

Aos poucos desenvolvi meu interesse específico pela tipografia, tema que passei a estudar informalmente comprando livros e fazendo pequenos cursos. Sete anos depois de minha formatura, em 2002, algo esgotado pela dinâmica comercial, retornei à universidade para cursar uma disciplina na pós-graduação. Ali reencontrei Paulo B, que mantinha em forma seu entusiasmo ao explorar a história de diversos suportes e técnicas da comunicação escrita e da imagem impressa, a história das artes gráficas, os estilos artísticos, as diferentes formas de comunicar pela imagem. E, sempre: arte, imagem, literatura. Foi naquelas aulas quando ele forneceu uma inspiração teórica que me acompanha até hoje. Assim como ensinou Michel De Certeau, é preciso encontrar os rastros de leitura dos inventores do cotidiano, lembrando sempre que não podemos tomá-los como idiotas! Ali encontrei meu próprio entusiasmo para estudar os diversos conhecimentos emaranhados em torno da tipografia.

Em 2003, ingressei na pós-graduação com um projeto sobre o que terminaria chamando “tipografia popular”, caligrafias urbanas feitas com vistas a comunicar, mas que eu observaria a partir de seu aspecto plástico, de sua composição, da apropriação de matérias e suportes não programados para a escrita. Instrutivas, agradáveis e, especialmente, inspiradoras foram nossas conversas em seu gabinete. Em uma de nossas primeiras reuniões nos dedicamos a desenhar um longo diagrama com a estrutura da dissertação em 3 ou 4 folhas A4 emendadas. Me lembro quando cuidadosamente retirava um de seus livros da estante e produzia ele mesmo uma ficha de empréstimo manuscrita. Antes de se aposentar, sua preciosa biblioteca foi generosamente doada à Fafich. De quando em quando ainda tomo emprestado um volume que traz como *ex libris* sua elegante assinatura na página de rosto.

Desabituaado à escrita acadêmica, não foi sem sofrimento que finalizei minha dissertação de mestrado, sempre com o entusiasmo de Paulo B. Foi em um dos momentos de desespero pelo qual passa todo aluno de pós-graduação que ele me ofereceu, na reta final da orientação um pequeno bilhete onde se lia: “Não arrefecer!”. Como um verdadeiro

talismã mágico, o bilhete me acompanhou até o fim da minha pesquisa. Ainda o tenho guardado em meio aos meus papéis.

Em 2006, ingressei como professor assistente do departamento de Comunicação e Paulo B se tornou então, um colega. Compartilhamos inúmeras reuniões administrativas e de pesquisa, conversas de corredor, visitas à cantina para comer um biscoito de queijo e tomar um cafezinho, “o sangue do funcionário público”, como ele diz. O espaço é curto para lembrar de todas as histórias que vivemos e que ele contou, algumas delas já folclóricas entre alunos e colegas, como quando partiu para o doutorado e foi “pobre em Paris”, sua invejada arte de escapar de situações (e reuniões) chatas, o folclórico colchão que mantinha em seu gabinete para a *siesta* diária, as caminhadas diárias, os divertidos casos de Divinópolis...

Nos últimos dois anos, tenho tido o prazer de integrarmos o mesmo grupo de pesquisa, *Ex-press*, e compartilhar disciplinas na pós-graduação. Em nossos encontros acadêmicos, continuo a aprender e vejo que seu entusiasmo fascinante continua lá. Além de colega, nos tornamos amigos, e muito prezo nossos encontros fora da universidade regados por uma boa cachaça. Certo dia, no ano passado, fui surpreendido em meu gabinete por Paulo B e por nosso amigo e colega Elton Antunes. Eles me traziam um presente, uma pequena caixinha com um cartão afetivo. Dentro da caixa alguns exemplos de tipos de metal, material que utilizavam em suas aulas e que me passaram generosamente, como se fosse eu o responsável por manter aquele conhecimento vivo. Muito fiquei honrado e prometi animar esta valiosa herança da melhor forma que conseguir.

Termino este texto com uma emoção prazerosa em fazer parte desta história e desta homenagem. Alhures, em minha aventura francesa, diante do inevitável confinamento ao qual nos encontramos, me lembro de sua paixão por Marcel Proust e decidi me aventurar, como sempre me aconselhou, *Du côté de chez Swann*.

Muito obrigado por sua presença em minha vida, querido Paulo B.

Bruno Guimarães Martins

Montpellier, 13 de abril de 2020.